

UMA CONVERSA COM E SOBRE SALETE MARIA DA SILVA**A CONVERSATION WITH AND ABOUT SALETE MARIA DA SILVA**

Salette Maria da Silva (Colaboradora)

Andrea Betânia (Pesquisadora)

Bruna Lucena (Pesquisadora)

Salette Maria da Silva é, antes de qualquer caracterização, uma mulher com alma e pés de sertão, que aprendeu a fazer cordel com uma de suas avós, e, não por acaso, a vida de nós mulheres percorre toda sua obra, seja a cordelística – com forte teor feminista e revolucionário –, seja a acadêmica, como professora do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em seus quase 30 anos dedicados à criação de cordéis feministas e libertários, publicou mais de uma centena de folhetos, muitos dos quais podem ser lidos em seu blog Cordelirando. É membra-fundadora da Sociedade dos Cordelistas Mauditos – importante coletivo de poetas, cantadores e *performers* fundado no ano 2000, em Juazeiro do Norte/CE.

Esta entrevista é uma grande conversa da qual participam quatro pessoas: a própria Salette Maria, Andréa Betânia, Bruna Lucena e José Gomes, sendo a primeira a entrevistada; as duas seguintes, as entrevistadoras; e o último, o responsável pela transcrição literal. Adotamos a conversa como método de realização desta entrevista por acreditarmos ser “[...] uma convocação de saberes diferentes de modo não hierárquico”, em que “[...] o conhecimento está sempre no plural, conhecimento(s)”, como defendem Maria Luiza Sússekind e Raphael Pellegrini

Conversamos no dia 6 de outubro de 2020, em uma videochamada repleta de histórias de vidas, de artes de ontem e de agora ancestrais, sobre sua presença inquietante no cenário cordelístico. Diante da impossibilidade de estabelecer uma conversa linear com Salette – o que entendemos como um ponto positivo – tendo em vista a exposição de um pensamento que nos lembra um palimpsesto, os assuntos abordados foram surgindo motivados não apenas por nossa curiosidade como entrevistadora, mas, sobretudo, pelos motes com os quais a entrevistada nos presenteava à medida que tentava refazer sua trajetória tanto pessoal quanto poética, seguindo uma rota que se deixava guiar por seu modo inquieto e inquietante de estar no mundo.

Ao optarmos por empregar, no título dessa entrevista, “com” e “sobre”, sem nos decidirmos por apenas um, trata-se menos de vontade de escolha e decisão, e mais, muito mais, de vontade de dar conta do que é a intimidade de dividir palavras, escutas atentas, conhecimentos, bem como de dar a ver essa importante cordelista de nosso aqui e agora.

Bruna Lucena (BL) – Nós estamos aqui com Salette Maria da Silva, cordelista, ativista, professora e outras coisas sobre as quais falaremos adiante.

Andréa Betânia (AB) – Boa tarde, Salette. Agradecemos mais uma vez sua disponibilidade e generosidade ao se dispor para essa conversa. Sabemos que você está muito ocupada com a vida nesses tempos, mas vamos lá. Salette, vamos começar falando sobre sua trajetória?

Salette Maria (SM) – Não estava no meu horizonte ir para a universidade porque na minha família não existia essa tradição, como de resto todos os meus contemporâneos, os meus colegas lá da comunidade onde eu vivia. Só que, no Ensino Médio, fui fisgada por uma militância Marxista, por meio do Partido Comunista do Brasil, do Partido dos Trabalhadores. Naquela época existia uma espécie de recrutamento da juventude, pra que nos organizássemos. E eu era muito ativa, gostava de ficar recitando coisas nos eventos da escola. Nessa ocasião, embora ainda não entendesse nada de Marxismo, de Socialismo, de nada, eu tinha uma revolta relacionada à questão de classe. Eu nasci em São Paulo, numa favela onde

hoje está funcionando o estádio de futebol que pertence ao Corinthians e, ali, na Zona Leste, eu morava na rua chamada Estado do Ceará porque todas aquelas ruas eram ocupadas, naquela favela, por nordestinos, cearenses em sua maioria. E meus pais foram para lá, como tantos outros no final de 1950 e na década de 1960, em busca do Eldorado, porque se buscava uma vida melhor. Ambos agricultores, meu pai nascido numa cidade chamada Vargem Alegre, no Ceará, e minha mãe, na menor cidade do Ceará, que se chama Granjeiro, especificamente na zona rural desse município, que ainda hoje é o menor do Ceará. Meu pai, embora agricultor, foi para São Paulo trabalhar na construção civil. Minha primeira irmã nasceu no Ceará. Depois eu nasci em São Paulo, depois eles voltaram para o Ceará. Ao todo, somos seis filhos: um em cada lugar. Então, meu pai, como operário, trabalhou na construção civil. Grande parte daqueles prédios que tem na Avenida Paulista tem o suor do meu pai.

Então, eu tinha uma coisa assim de questionar as desigualdades sociais e é essa turma de esquerda do Ensino Médio que vai me despertar. E, uma vez, minha mãe, quando ela era faxineira do Palácio do Governo, foi acusada de roubar um material de limpeza, uma coisa assim. Isso me marcou muito. E embora nesse tempo eu já fosse muito apaixonada pela literatura, porque meu melhor professor de todos os tempos foi um homem, um professor chamado Sebastião, professor de letras: Literatura, Língua Portuguesa e Literatura lá na Escola José Lins do Rêgo, em São Paulo. Era 5ª série e depois ele foi meu professor na 7ª também, e esse professor me emprestava muitos livros e eu participava de concursos de poesias, só que a escola não oferecia possibilidade de falar da Literatura de Cordel. E meus pais tinham cordel em casa e eu levava, esse professor era muito receptivo, mas nunca inseria no programa, né? Enfim. O fato é que eu queria fazer Letras, eu me inspirava naquele professor que dava oportunidade, que estimulava a leitura, enfim. Aí a história era assim: não era exatamente pensando “eu vou pra faculdade fazer Letras”; era pensando assim: “eu quero ser uma escritora, eu quero ler mais, eu quero escrever mais”. Mas não era tipo: “eu vou pra faculdade”, né?

Depois, quando terminei o Ensino Médio, eu já fiz todo o Ensino Médio, grande parte dele, no estado do Ceará. Então, eu já estava militando no Partido Comunista e meu companheiro – que é o pai da minha filha, né? –, meu companheiro da época, ele era trotskista e atuava numa ala do PT chamada Convergência Socialista e ele disse: “Eu vou fazer faculdade, vou fazer História”. Aí ele se inscreveu e eu fiquei na dúvida. Eu queria me inscrever em Letras, só que eu ainda tinha muita mágoa, muita revolta pelo que aconteceu com minha mãe. Eu falei assim: “Ah, então acho que eu vou fazer Direito porque eu quero atuar na área do Direito do Trabalho”. Então, eu fiz vestibular, né? Eu era muito autodidata e eu lia muito, e eu era a única mulher que atuava no Partido Comunista. Então, assim, eu passei na faculdade de Direito, apaixonada pelo Direito do Trabalho, mas quando chegou lá eu me encantei pelo Direito Constitucional, mas, paralelamente a isso, eu seguia lendo e escrevendo muito, muita Literatura de Cordel sem publicar.

Aí, em 94, quando eu pari minha primeira e única filha, eu pari também um cordel. Ela nasceu em março e eu pari o cordel e publiquei. Eu tava desempregada, então, eu escrevi, né? Houve uma morte lá no bairro e eu escrevi aquele cordel que é de 94, a primeira edição: *Mulher Consciência – nem violência, nem opressão*. Então, eu mesma paguei. Tinha uma gráfica lá em Juazeiro do Norte, onde publiquei quase a maioria dos meus cordéis. Depois eu fui publicar na gráfica Lira Nordestina, que é uma gráfica assim... ela, hoje acho que está vinculada à Universidade Regional do Cariri, ainda está! Mas eu publicava em uma gráfica de fundo de quintal, ela nem tinha CNPJ, era de Seu Cícero, e a gráfica Líderes. Depois ele regularizou, muitos anos depois. Então, eu publiquei esse cordel e como eu era militante, eu discutia com as mulheres, conversava com elas e esse cordel era sempre muito lembrado para dialogar sobre essas violências. Não eram os documentos que eu aprendia na faculdade, não eram as regras, não eram os textos acadêmicos porque as minhas interlocutoras não eram

acadêmicas. Então, esse cordel foi a minha entrada no mundo da Literatura. Assim, minha entrada oficial, né? Já que eu era uma leitora e uma escritora, mas não publicava.

Só que é óbvio que eu digo que a influência é da militância, ela foi importante pra mim, mas [pausa] antes mesmo de eu estar na escola, eu tinha essa paixão pela Literatura de Cordel por causa da minha avó. Eu falo muito sobre isso em outras entrevistas e eu dei uma entrevista pra *Caros Amigos* uma vez e eles deram a visibilidade que a minha avó merecia naquela entrevista porque começam falando dela e o impacto dela na minha vida. Ela era uma *performer*, eu não tinha essa noção, mas a minha avó era miudinha. Eu tenho um metro e cinquenta e dois [1,52m]; minha avó era muito menor do que eu e se agigantava diante de mim assim. Não só porque eu era uma criança e ela era uma adulta, mas porque eu via assim uma *poetrix*, digamos assim, uma mulher que era fascinante. Então, ela não sabia ler, né? Durante um período da vida ela enxergava, mas depois ela ficou cega e ela era apaixonada pela Literatura de Cordel. Todo mundo na minha família era, mas minha vó era a que tinha mais força, né? A que nos unia em torno dessa literatura. E aí ela vivia na zona rural lá de Granjeiro, num lugar chamado Canabrava, Canabrava dos Gregórios, e essa mulher que amava a Literatura de Cordel exerceu em mim essa influência.

Então, assim, eu conto isso num cordel chamado *Feminismo em Cordel: como foi que começou?* e lá eu conto um pouco dessa coisa de eu gostar muito de todos os cordéis. Lá tinha um baú, cheio de cordéis, embora fosse numa casa que somente uma pessoa lia, que era minha tia Senhora, que é viva até hoje. Era a única pessoa que lia, lia muito pouco, mas era ela a pessoa responsável por ler o cordel, os cordéis ali [rápida pausa] e meu avô, quando ele ia pra cidade, fazendo compra – feira do mês. Eu brinco, acho que no cordel *Cordelirando* [rápida pausa novamente] eu conto isso e também nesse outro *Feminismo e Cordel*, eu lembro que meu avô, as vezes que eu ia pra lá, porque vocês deveriam pensar: “Mas como assim, você tava em São Paulo e no Ceará ao mesmo tempo?”. A minha, a nossa vida era uma vida de idas e vindas. Meus pais foram lá por conta do êxodo rural, tiveram uma filha, voltaram pro Ceará: todas as vezes que tinha uma crise econômica, que ficavam desempregados, que as coisas apertavam porque o aluguel era caro e eles moravam, apesar de não morarem numa casa, mas era um barraco alugado; e quando também a violência começava a espreitá-los, corriam de volta para o Ceará. E lá eles tinham as casas dos parentes pra ficar, tinha roça, não faltava aonde eles serem acolhidos. Então, assim, havia férias em que eu estava na casa dos meus avós e havia períodos em que eu morava na casa deles.

Então, assim, meu avô ia pra roça, pra feira e ele levava um saco que era a bolsa que ele transportava a feira, aí ele trazia... eu costumava brincar que ele trazia os quatro “efes”: era o feijão, a farinha, o fumo e “foiето” porque minha avó nunca chamou o cordel de Cordel, ela chamava “os foiето”, né? Então, ela tinha os clássicos: *A história de João Grilo*, *O soldado jogador*, ela tinha lá *A história do Valente João Garcia*, Zé Garcia – não lembro agora. Ela tinha tudo, tudo, tudo, tudo. E meu avô, ele tava se alfabetizando, então, ele ficava na roça o dia inteiro, quando chegava tomava banho, jantava e depois sentava um pouco lá no terreiro, conversava com as pessoas. Mas, depois ele voltava e sentava num tamborete e acendia uma lamparina e começava: –“Um B com A, BA; um B com E, BE”; tudo cantado. Eu ficava impressionada, né? De ver aquele homem... Meu avô tinha uma aparência muito bonita, ele era um homem negro, baixinho, cambota; e ele tinha essa coisa de querer estudar, então, ele tinha a tabuada e tinha a carta de ABC. E então eu ficava observando aquele homem aprendendo a ler.

E minha avó, não! Nunca aprendeu a ler, mas ela era quem articulava o... vamos chamar de sarau, que na época ninguém usava esses termos, né? Aí lá tinha um alpendre, na casa dela, então, sentavam-se as pessoas nas cadeiras, as crianças sempre no chão junto com os cachorros; mas os adultos tinham cadeiras [risos] e tinha a muretinha do alpendre onde vizinhos, compadres, conhecidos chegavam, conversavam sobre vários assuntos, mas sempre

tinha o recital. E aí minha tia Senhora, ela é que lia essas histórias, e minha avó ficava a corrigindo porque minha avó tinha de cor; todos os folhetos minha avó tinha decorado. E quando eu aprendi a ler de verdade, minha mãe contava que eu já tava lendo cordel e num sei o quê, e minha avó dizia: “Pois sente aqui na cadeira que eu quero ver se você sabe ler mesmo”.

Então, minha avó era uma espécie de professora, mesmo sem saber ler, sem decodificar palavras, letras etc. Eu lia os cordéis pra ela e ela me corrigia porque tinha a cadência, né? Tinha toda uma coisa de você performatizar e eu ficava lendo ali como quem lê qualquer coisa, e minha avó corrigia: “Não é bem assim...”; e claro, uma criança às vezes num sabe ler direito e minha avó ia me dizendo como era a palavra e tal. *A chegada do Lampião no Inferno* foi o primeiro cordel que eu lembro de ter lido; lido eu mesma – não ouvido, ouvi outros. Aí, eu dizia: “Um cabra de Lampião”, aí ela dizia: “Por nome Pilão Deitado”; e voltava pra mim: “Que morreu numa trincheira / Num certo tempo passado / Agora pelo Sertão anda causando visão / Fazendo mal-assombrado”. Aí, ela dizia: “Pare aí, não é bem assim”. Aí, ela voltava e dizia: “Um cabra de Lampião / Por nome Pilão Deitado / Que morreu numa trincheira / Num certo tempo passado”⁸². Então, ela imprimia musicalidade, ela tinha uma coisa assim. E ela se levantava – se ela tivesse sentada – e ela agitava os braços, aquela coisa, né?

Então, assim, eu fui percebendo que não era só uma escrita, era uma coisa de música! Era uma articulação entre música, oralidade, escrita etc. etc. Mas nada de teoria, não tinha acesso às teorias e até hoje não tenho muito conhecimento sobre Teoria Literária ou Oralidade ou Cordel ou Tradição. Conheço vocês duas e tantas outras pesquisadoras que conhecem bem, que têm domínio sobre essas questões, mas ali com ela, era uma escola de teatro, digamos assim, né? Então era uma coisa... E eu percebia o seguinte: minha avó também criava. Eu entrevistei minha avó algumas vezes, quando eu já estava adulta e minha avó já estava bem velhinha. E eu entrevistei naqueles gravadores antigos e parte dessas fitas cassetes eu cedi pra pesquisadora Fanka e depois ela cedeu pra Ria e essas coisas desapareceram porque primeiro eram mal condicionadas, o calor destruía, né? Enfim, mas lá no Juazeiro do Norte deve ter ainda alguma coisa.

Então, minha avó quando recitava para mim nas entrevistas ou mesmo nas conversas comuns, eu não sabia quando era uma coisa era dela ou era de algum autor clássico porque como a minha avó não estava preocupada em dar créditos e fazer referências, tinha vez que ela mesclava as coisas do imaginário dela, da lembrança dela, do cotidiano dela, então, quando estava varrendo o terreiro – ela estava recitando alguma coisa –, eu dizia: “De quem é esse Cordel, vó? De quem é esse folheto, vó?”. Essa história, né? Aí, ela dizia: “Num sei, não. Só sei que eu aprendi, né? Esse aí eu não sei de quem é não”. Aí em outro pedaço ela dizia: “Esse aqui é meu. Foi eu que inventei isso aqui”. Então, talvez por ela escutar tanto, tantos folhetos e por ela também pensar sobre criar, ela não sabia mais o que era dela, o que era dos outros e eu não sei explicar. Sei que isso aí foi me influenciando.

Então, como diz Zé Ramalho, naquela época eu era inocente, porém, besta; e eu achava que os cordéis eram lindos e maravilhosos. Só que depois, essa coisa de racionalizar, de refletir sobre as desigualdades sociais, me mobilizou a questionar aqueles folhetos que sempre tinham os homens como protagonistas ou os homens como autores, né? E, então, eu comecei a prestar atenção no meu cotidiano. Eu sei que as histórias que minha avó apreciava e que também gostava, e que minha tia lia, eram sempre de pessoas de outros países ou então eram narrativas assim... histórias imaginadas: *O Valente Zé Garcia*, *A Princesa do Vai Não Torna*, *O Pavão Misterioso*. Era muita coisa, assim, que não era da vida real, digamos assim.

⁸² Neste trecho da entrevista, a colaboradora Salete Maria recita o cordel “A chegada do Lampião no Inferno” numa tentativa de exemplificação das correções da avó sofridas por ela na sua infância. Essa prática se repetirá ao longo da entrevista.

Então, eu comecei prestando atenção às coisas da vida real e na minha vida real tinha muitas mulheres, dentre as quais eu me incluía, com vários problemas, e tinha também uma coisa de eu achar um pouco ofensivo e dialogar com as mulheres do meu bairro, da minha família falando daquelas coisas, do artigo 5º da Constituição. Eu não me sentia confortável por estar falando sobre o nosso cotidiano a partir dali.

Então, em 94 eu estava no penúltimo ano da faculdade quando eu publiquei meu primeiro cordel. E nas rodas de conversas, não só na militância, mas com mulheres e ali não era uma conversa entre feministas não, era entre mulheres de uma comunidade que estavam muito impressionadas e muito, digamos assim, temerosas com a morte da vizinha Cristina, que foi assassinada na época. Então, o cordel começava assim: “Os números de violência têm crescido sem parar / Pra garantir resistência é preciso não calar”; aí eu dizia: “Do Cariri para o Brasil quero me manifestar”. E começa assim. Eu vou narrando uma série de coisas e o Cordel tem uma influência assim marxista porque a explicação que eu dava na época para isso tinha a ver com a acumulação da propriedade em poucas mãos, a violência estava relacionada também com a questão econômica, não era uma explicação totalmente baseada no patriarcado. Era a influência que eu tinha da época, de que era uma leitura ideológica, ligada ao marxismo, num sei o quê. E então eu levei esse Cordel para a minha avó, em 94, e ela morreu em 2002, parece.

Eu levei esse cordel para a minha avó, eu li pra ela e ela disse: “Isso aí não é foieto, não. Isso aí não tem nada a ver com foieto”. Ela não reconheceu [risos], aí eu falei: “Vó, tem sim! Olha aqui a rima tá bem direitinho...”. Eu acho, né? Achava! [continuação do diálogo] “A rima tá bem construída, eu tô rimando bem aqui, ó”. Aí ela disse assim: “Não, mas essa história é muito feia, muito ruim, num tem uma coisa assim que prenda, num tem... Quem é a mulher dessa história? Quem é o homem? Quem é a pessoa?”, né? Aí não tinha uma personagem específica, que tivesse uma história que tivesse início, meio e fim, porque falava de um monte de pessoas ao mesmo tempo, de grupos sociais e tal. E aí ela disse: “De onde foi que você tirou isso?”. Aí, eu disse: “Da minha cabeça, é da minha cabeça, mas foi porque morreu Cristina, lá na Rua São Bento, assim, assim, assado e tudo”. Aí ela disse assim: “Mulher (muié, né? Que ela falava), muié, num se mete com isso não”. Ela sempre me dava vários conselhos e ela achava que eu já estava velha, que eu já deveria ter me casado. Aí, ela dizia: “Ô, minha filha, arranja um dono pra tu; é tão feio uma mulher sem um dono”. E ela dizia assim, eu fui lá pra me despedir dela, que eu ia viajar pra Fortaleza pra fazer mestrado; aí ela disse assim: “Tu ainda vai estudar? Tu já leu os livros do Juazeiro, do Crato e agora vai ler os livros de Fortaleza? Minha filha...”. Aí começava a falar que era melhor eu me casar... Aí eu fui fazendo cordéis, problematizando também essa nossa matriz social, cultural; e vieram outros folhetos e, enfim, quando chegou em 100 eu parei de contar. Mas o fato é que a maioria é relacionada a essa nossa condição feminina, né? Eu digo nossa, considerando aí também toda a diversidade das mulheres.

E aí o curioso é que a velhice me chamava muita atenção também. E eu escrevi o cordel *O que é velhice*, o título é esse: *O que é a Velhice?* E a capa tem a foto de minha avó; minha avó com um paninho assim no ombro, que ela sempre usava um paninho de prato assim no ombro o tempo inteiro, exceto quando ela saía pra viajar ou pra missa. E ela está na porta da casa dela nesse Cordel e eu vou perguntando o que é a velhice, vou questionando e trago vários elementos porque também eu estava influenciada com a obra de Simone de Beauvoir, que ela trata também dessa temática da velhice, que é o lado menos conhecido de Simone de Beauvoir, né? E eu não era estudiosa de Teoria Feminista, não era estudiosa de questões de gênero, não. Eu era uma militante, uma comerciária na época. Eu estudava, trabalhava, escrevia Cordel, cuidava de minha filha e, enfim, não tinha muita abertura no Partido Comunista pra os debates de gênero. Mas, curiosamente, também era através do Jornal, desse editorial que vinha pra Juazeiro do Norte – que a gente vendia, tentamos recrutar

outras pessoas – que, vez por outra, no 8 de março aí aparecia uma discussão sobre mulheres e vinha uma marxista lá, Alexandra Kollontai, que só depois de 300 anos é que eu vim estudar e conhecer. Mas ela problematizava as mulheres no mundo do trabalho, no mundo social, na política e tal e coisa.

Então, eu tinha muita intuição que eu fui desprezando aos poucos, por uma visão equivocada da racionalidade; e depois eu passei a valorizar. Agora, nos últimos 5 anos, eu tô muito fã de intuição. Por exemplo, o cordel *A Mulher de Sete Vidas*, que é o mais longo cordel meu em termos de quantidade de páginas e de estrofes e tal. Esse cordel foi escrito no momento em que eu estava questionando muito as minhas convicções políticas, filosóficas e é meio autobiográfico. Embora, sendo a mulher de sete vidas, e ela tem sete vidas [risos], e ela aparece com sete experiências diferentes: uma hora ela é uma meretriz, outra hora ela é uma artista. Ela tem várias, eu não me lembro, ela tem várias facetas e ali é o momento em que eu dialogo com o Espiritismo, com o Catolicismo Popular, trago coisas do Budismo, alguma inspiração na questão da espiritualidade mesmo, nas suas várias nuances. Mas, assim, eu depois leio e digo assim: “Não fui eu quem escreveu esse Cordel” porque não é o meu estilo, não eram as minhas questões, entende? Então é isso, fui escrevendo...

Outro dia uma pessoa estava me chamando atenção para algo que eu não percebia: é que eu escrevia as personagens que estavam todas ali na revista na região do Cariri, mesmo depois que eu saí do Cariri e mesmo depois que eu saí do Brasil – os cordéis feitos fora –, todos estão de alguma maneira ali, como diz Belchior, “Onde jaz meu coração”, né? Porque é uma força muito grande, é uma relação muito forte que eu tenho com a Chapada do Araripe, com a região do Cariri cearense etc. Em que pese ter havido alguns deslocamentos, porque depois que vim pra Bahia eu escrevi o cordel *Três é um Real* porque andando muito de ônibus aqui em Salvador eu via homens e mulheres entrando no *busu* e gritando três é um real, então, é uma história que envolve dois vendedores: um homem e uma mulher. E aí eu digo: “Ele entra e pede desculpa por atrapalhar o silêncio da viagem”, ela entra e diz isso e eles vão vendendo produtos variados com uma pegada de gênero. Geralmente ela traz produtos mais vinculados às [entre aspas] “necessidade das mulheres”.

E aí, a *Minha Preta vem Para a Marcha* eu escrevi aqui em Salvador, mas é um apelo à minha mãe. Eu falo um pouco dessa condição dela, de mulher negra, de trabalhadora sempre no espaço privado e quando foi trabalhar no espaço público foi realizar no público o que ela fazia no privado, né? Porque ela foi agricultora familiar ali no quintal da casa dela. Ela nunca plantou numa roça como os meus tios que tinham uma roça fora de casa, saíam pela estrada pra ir pra roça. Minha mãe não: a roça de minha mãe era no quintal da casa dela, dela e das irmãs dela. Depois ela vai para São Paulo, trabalhou de doméstica. Eu conto isso no *Cordelirando*, o cordel chamado *Cordelirando*, que eu digo que: “Sendo filha de um pedreiro e de uma camponesa / A palavra companheiro me foi servida à mesa / Aprendi desde criança a ser eu minha fortaleza”. Então lá tem algumas estrofes... Eu não me lembro, não tenho vergonha de dizer que eu não tenho de cor nenhum cordel meu, na íntegra. Eu não consigo, é muita coisa, aí, quando alguém começa a recitar, eu puxo na memória, diferentemente da minha avó, e aí é uma pura intuição, considerando que ela não aprendeu a ler, talvez ela tivesse uma memória e uma capacidade... Não sei, vocês talvez tenham melhores condições de me explicar isso. Mais capacidade de memorizar, de armazenar, de organizar, de sistematizar aquilo. Eu não, pelo fato de ler tantas coisas e meu cérebro é tão cansado que [pequena pausa] eu leio, eu tenho de cor cordéis de outras pessoas, como é o caso tipo *A Casa que Mãe Morava*, como é o caso de Luís Campos, que é aquele meu cordel, um dos meus preferidos, que é *A carta a Papai Noé*, né? Como é o caso de Patativa, como é o caso do cordel de Fanka, como é o caso do cordel dos Malditos de Hélio Ferraz, quando ele diz assim: “11 de setembro é dia sem precedentes na História / Aconteceu a vitória de Davi contra Golias / Impactou a ousadia dessa gente Talibã / E lá na grande maçã o capital pôs no chão / E

a trupe o Alcorão meteu o kibe em Tio Sam”. Então, assim, esse é um dos meus cordéis favoritos porque me inspira a trabalhar mais a musicalidade do meu próprio texto.

E eu vinha numa pegada histórica de falar muito das dores das mulheres, eu falei muito das dores, das mortes... Aquele cordel *Mulheres do Cariri: morte e perseguição, Embalando meninas em tempos de violência, Mulher Consciência – Nem violência, nem opressão, Basta de Feminicídio, Não à cultura do estupro*. Eu sempre tive, contextualmente falando, uma produção que era [rápida pausa] uma denúncia, pra usar uma figura jurídica, era um libelo crime acusatório, né? E depois eu passei a ter necessidade de fazer anúncios também porque senão eu ficava numa coisa de não ter saída, né? De não espalhar esperança, então, o *Mulheres fazem*, por exemplo, já destoa um pouco. No *Mulheres fazem* eu tô falando de protagonismo das mulheres em vários terreiros, em vários lugares, em várias coisas. *Lugar de Mulher* também, né? *Lugar de Mulher* não tô propriamente falando de mortes ou de violência etc. Então, sem perceber e sem ser uma coisa deliberada eu comecei a focar mais também naquilo que as mulheres são capazes de fazer, não só no que fazem contra elas ou com elas, e aí escrevi *Minha Preta Vem Pra Marcha*, que tem uma hora que eu falo: “Vem, traz o doce de mamão, traz também a rapadura / Com tua fé segue segura”. Que é mais ou menos falando um pouco sobre minha mãe, essa marcha da vida dela e tudo.

E aí falei de Violeta Arraes, que foi Reitora da universidade onde eu trabalhei e é aquele Cordel... Eu fiz alguns cordéis em homenagem porque eu quase nunca escrevi sobre encomenda, eu sempre escrevi o que eu quis, tanto que eu estava no México recentemente e eu fiz um cordel, *Minha livre expressão*, onde eu falo que, [pequena pausa] onde eu intertextualizo com o poema de Cláudia Rejane e eu digo: “Minha obra ninguém tutela”. Então, eu sempre escrevi sobre o que eu quis, mas eu aceitei, poucas vezes eu aceitei fazer alguma coisa sob encomenda porque a causa era justa e as pessoas que me pediram eram pessoas que significavam muito pra mim. Um deles foi Janaína Dutra, ativista brasileira, que era uma homenagem à primeira travesti a obter uma carteira da OAB no Brasil, era uma ativista cearense, faleceu depois e esse cordel foi feito pra abertura do filme *Janaína Dutra*⁸³. Tem um sobrenome... tem um subtítulo aí, *Janaína Dutra* num sei o que lá, é do cineasta carioca Vagner de Almeida, que é um grande amigo. Então, eu fiz em homenagem a Janaína. Eu convivi com ela lá no Ceará, a gente se encontrou em algumas atividades, ela mora na Fortaleza, mas ela nasceu em Canindé e foi até então – durante muitos anos – a única é... ela se apresentava como travesti, né? Em que pese ela não conseguiu exercer o direito do nome social porque na carteira de OAB o nome dela era Jaime, né? O nome de nascimento, mas ela era reconhecida socialmente como Janaína Dutra e eu fiz esse cordel a pedido! Não vou nem dizer sob encomenda porque pode soar que alguém disse: “Diga isso!”, mas era a pedido.

E o outro foi a pedido de Orlando, um dos meus maiores amigos ali na região do Cariri. Orlando era um ativista, é um homem gay formado em Letras pela URCA, amante da literatura, amante dos cordéis e do cinema. Numa conversa com ele, eu já tava aqui na Bahia, e numa dessas madrugadas insones, eu e ele conversando sobre zilhões de coisas, ele disse: “Vou fazer um filme!”. Ele já tinha feito um filme chamado *Também sou teu povo, Senhor*, que uma Drag descia a principal rua da cidade com uma vela na mão cantando um bendito chamado: “Também sou teu povo, senhor, e estou nessa estrada” [colaboradora canta como no filme]. Porque nossa vida ali no Juazeiro do Norte era muito marcada pelas, né? Mesmo os ateus, mesmo as pessoas de esquerda, elas tinham esse sentimento de pertença, né? Suas famílias todas tinham a sala do santo. Todas, todas. Até hoje minha mãe honra a memória de minha avó fazendo a renovação do santo, no dia 25 de dezembro. Então, ele disse: “Salette, eu quero um filme baseado num cordel teu, mas eu queria uma coisa nova, aí, a gente

⁸³ O filme chama-se *Janaína Dutra: Uma Dama de Ferro*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zdtNOHia1qA>. Acesso em: 10 jul. 2020.



dialogando, enfim, depois de muita conversa eu não consegui dormir e fiquei escrevendo. Quando foi 8 horas da manhã, o cordel estava pronto e é o cordel *O Milagre Travesthriller: A História da Travesti que (com fê) engravidou*. Essa história é muito intertextual porque eu trago outras personagens de outros cordéis meus e também de outros contextos lá do Cariri e dentro da história tem uma outra história porque ela vai se basear na história das macarenas, que eram umas beatas que chupavam umas rosas lilases e nas suas catatumbas elas bailavam e, enfim, era um cordel que era meio assim parecido com o Teatro do absurdo. Depois que eu assisti uma peça do Teatro do absurdo, eu fiquei muito impressionada com aquilo e aquelas imagens vinham, então, tudo que eu escrevo ainda que nem sempre eu me dei conta [rápida pausa], é um diálogo com as coisas que eu vejo, que eu leio, que eu aprendo. Então, no *Milagre Travesthriller*, a personagem é essa travesti que era temente a Deus, que fez um milagre e que engravida. Ou seja, é um debate pós-moderno, *pero no mucho*, porque ela não recorre às tecnologias de reprodução, ela recorre à fé no Padre Cícero e ela engravida, mas ela dialoga nessa saga, nessa batalha por engravidar, vai recorrer a várias pessoas. Então, ela vai dialogar com a feminista e a feminista diz: “Ah, mas todo mundo hoje a pauta do aborto e você tá preocupada com essa questão”. E vai dialogar com um homem gay amigo dela. Todas as personagens ali são reais, só a Shirley Dayanna, que é o nome que eu dei pra personagem, que é fictícia, mas todas as pessoas com quem ela dialoga, inclusive o próprio Orlando.

Então, assim, aí eu vou saindo daquela mulher... Há um conjunto de mulheres que fazem parte da minha literatura, por exemplo, o cordel *Maria, Helena*, que são duas mulheres [risos]: Maria vírgula Helena; é uma relação homoafetiva. É uma relação lésbica entre duas mulheres ali da região do Cariri. É claro que eu as imaginei como sendo duas vizinhas lá, que eram beatas e que trabalhavam na roça e moravam ali na cidade. Na região do Cariri, as pessoas têm [pequena pausa], digamos, esse privilégio de, às vezes, morarem num bairro e serem agricultoras e irem pros seus trabalhos e voltarem. Então, é uma coisa entre o urbano e o rural, né? E aí na história de *Maria, Helena* falo desse amor entre elas, mas eu não trago nada de extraordinário, de tentar mexer naquele ambiente. Elas continuam frequentando a missa, continuam fazendo as coisas delas.

Já na história da Shirley Dayanna tem uma série de debates envolvendo a Teoria Queer e num sei o quê lá, mas nada disso dizendo: “Olha aqui uma teoria”, como, por exemplo, *O que é ser mulher?*, que é uma resposta, né? Uma resposta não! [colaboradora demonstra contrariedade]. É um diálogo com Simone de Beauvoir, né? Então, eu digo: “Sobre a mulher já se disse / tudo que se imaginar / D’uns eu já ouvi tolices / D’outros, me pus a pensar / Mas este ser – a mulher – / Afinal o que é que é? / Quem se atreve a explicar?”. E vou desenvolvendo... A capa é uma interrogação, né? Aí, eu depois vou desenvolvendo vários argumentos e em algum momento eu pergunto: “E se um homem quiser / Então mudar sua forma?”. Então, é um jeito de falar dessas teorias sofisticadas a partir dessa linguagem, apesar de minha avó não ter legitimado num primeiro momento, né? Porque ela disse que isso não era um “foiote” e tal e coisa.

Mas depois que eu li pra ela *A História de Zé Leitor*, que eu vim publicar bem depois. Mas eu escrevi ainda com ela em vida, já tá na terceira edição *A História de Zé Leitor*, foi a história que ela mais gostou das minhas histórias, porque se trata de um homem que com mais de 60 anos vai pra a EJA né, a Educação de Jovens e Adultos, e vai se alfabetizar, e ele quer aprender a ler e ele tem dificuldade ou tem hora que ele quer desistir, e aí ele leva um cordel de Patativa, *Vaca Estrela e Boi Fubá*, e depois Fagner musicou e etc.; e ele lê esse cordel pra turma, e... enfim. Ali é a apoteose né, da alfabetização dele, e o colega dele que é pedreiro vai assistir, e a esposa dele vai, todo mundo vai e enfim. Então minha avó achou a história linda, porque tinha uma família, tinha né [risos mais contidos] uma história de uma pessoa com início, meio e fim, e o fim foi feliz e etc., enfim. Então, ela abençoou esse cordel digamos

assim, né? Mas é. Meninas, eu tô falando muito coisas sem às vezes nem ter uma conexão com a outra, mas é o que tá me vindo as...

(AB) – Tem conexão demais...

(SM) – Porque os fios da conexão vocês é que têm capacidade de articular porque eu tô falando assim coisas que me vêm à memória. Eu tava falando dos cordéis a pedido, né? Então, a pedido de Orlando, a pedido de Vagner Almeida, dois cineastas, e eu fiz o cordel pra homenagear a Violeta Arraes. Eu homenageei Violeta Arraes, homenageei vários amigos lá do Carari, uma amiga que fez uma cirurgia e ela tava fazendo radioterapia, né? E eu chamei isso de *Mais uma dose de amor* porque ela tinha que tomar mais Iodoterapia⁸⁴.

E recentemente eu homenageei uma pessoa que não é muito bem-vista entre as feministas baianas etc. porque às vezes ele é etiquetado de misógino e tal, mas é um amigo querido que eu tenho aqui na Bahia, se chama Luiz Mott e eu fiz um cordel sobre os 70, ou mais, anos dele. Ele tava passando a pandemia lá na Itália e com medo de morrer e num sei o quê, no olho do furacão, né? E eu fiz um cordel *O Mott é Festejar!* Então, não foi exatamente um cordel que ele me pediu, mas ele disse assim: “Saleta, vamos falar de Cordel”, eu lá no México e ele lá na Itália, e a gente lutando pra ter um voo de repatriação. Por que que eu tô falando do Luiz Mott? Porque a pedido dele, há uns anos, eu fiz um cordel sobre Tibira do Maranhão, Santo Gay do Brasil. Ele, como é um Antropólogo, pesquisa essas coisas da Inquisição, e aí ele descobriu lá no Maranhão essa coisa do primeiro crime de homofobia do Brasil, que foi praticado contra esse indígena chamado Tibira, ainda no início né do século XVI e aí ele me passou a história, a pesquisa dele e disse: “Ah, seria legal ter um cordel e tudo”. E eu li a história toda e contei isso num cordel que foi objeto de pesquisa lá no Rio de Janeiro, num grupo de História e tal. Então, é assim, mas é todo inspirado na pesquisa do Luiz Mott. A fonte do cordel é a pesquisa do Luiz e eu conto essa história sobre por que o GGB – o Grupo Gay da Bahia – fez um requerimento à Santa Sé para reconhecer a santidade desse santo, desse mártir e como ele antes de morrer foi obrigado a se converter ao Catolicismo. O Luiz Mott ironicamente diz: “Então, já que ele se converteu ao Catolicismo e gente que foi martirizado, igual ou menos do que ele mereceu essa santificação, vamos constranger a Santa Sé para reconhecer e tal e coisa...”. Isso divide as opiniões porque tem muita gente que não está interessada em ter um santo gay, muito menos na Igreja Católica. Mas o fato é que é uma disputa política e achei interessante contar essa história porque a mim me interessava muito já que a minha dissertação do mestrado foi sobre a igualdade jurídica na ação contra pessoas LGBT. Então, gostei muito de saber dessa história. Aí, foi um cordel que eu fiz a pedido do Luiz e submeti a ele e quando eu submeti, ele disse uma coisa lá... Ah, duas ou três coisas que eu tinha dito que ele queria alterar, então eu disse: “Não, Luiz, não aceito que você mexa no cordel e muito menos que altere a minha rima porque o meu compromisso é com a história e o cordel é meu e a rima não vai ser alterada...”. Era uma coisa lá, mas ele compreendeu, né? E aí o cordel é um outro cordel sob encomenda.

Mas, fora isso, eu vou escrevendo quando tenho vontade. Tem tempos que eu não escrevo nada, fico travada, tem tempos que eu escrevo. No México eu escrevi 6 cordéis em 3 meses. Então, eu estava num desespero assim... eu tenho uma aproximação com minha vida aqui no Brasil e mais perto com minhas... eu pedia a minha avó, eu orava muito pra que ela me desse inspiração pra eu não pirar, que eu tava ficando maluca trancada dentro de uma casa e com medo de nunca mais voltar, enfim. Aí, eu sei que eu escrevi o cordel *Por amor, cuidem das vidas*. Foi em março, né? É todo sobre a pandemia e fazendo um apelo, é um cordel denúncia e anúncio e tudo. E eu não sei nenhuma estrofe dele [risos], tá lá no Blog, né? E escrevi outros que eu não lembro agora, mas sei que foram 6 cordéis. O outro foi sobre Luiz Mott, fez aniversário lá na Itália e enfim.

⁸⁴ A colaboradora se referia a mesma terapia conhecida também como Iodoterapia ou mesmo Radioiodoterapia.



Então, assim, são várias mulheres que eu vou trazendo, mas não só mulheres, né? Tem muitas figuras vinculadas à feminilidade, então, você tem aí as travestis, você tem os homens gays, você tem aí é... A personagem mais austera, digamos, que eu já tive foi Zé Leitor, mas na verdade tem uma... [rápida pausa] pegada assim geracional e de classe.

Bruna Lucena (BL) – Tem o do seu pai, né, Salete?

(SM) – Ah, ok!

(SM) – Verdade, Bruna, tem... Meu pai é aquele cordel eu não consigo recitá-lo porque eu começo a chorar. Então, no dia do lançamento dele, eu tive de me socorrer de pessoas...

(BL) – Que é lindo aquele cordel...

(SM) – É...

(BL) – Por isso que eu lembro, eu acho ele lindo... [risos]

(SM) – É. É uma homenagem pro meu pai que eu faço, logo após ele ter passado por um câncer agressivíssimo, né? E diz assim: “Meu pai por seu um pedreiro...” – é a única estrofe que eu ainda lembro porque é muito emocionante pra mim: “Meu pai por ser um pedreiro / Dele muito me orgulho / Sempre foi muito guerreiro / Homem de muito barulho / Seja curando tormento / Seja mexendo cimento... – [colaboradora tenta relembrar a rima]: “Ele desata o embrulho”. Ele diz assim: “Seja curando tormento / Seja mexendo cimento / Ele desata o embrulho”. Aí eu vou contando a história dele, que ele saiu em 44 [1944]... Que ele nasceu em 44 e depois ele saiu do Nordeste brasileiro ainda juvenzinho pra trabalhar na construção civil, aí ele brinca que subiu na vida, né? Ele deixou a lavoura para subir num andaime, ele brinca assim. Tem essa boa lembrança.

Então, Bruna, tem o do meu pai... Eu homenageei alguns homens que eu considero importantes na minha vida. Então o meu tio Zé Alexandre, recentemente, que eu nomeei o cordel dele de *Vai nas asas dos Arcanjos*. O curioso é que, um mês antes do meu tio falecer, eu liguei para ele e ele disse assim: “Olha, eu tô deixando aqui uma herança pra você”. Aí eu achei estranho aquela conversa e tudo... Aí ele: “Não, eu tô velho...”. Porque em março ele perdeu um neto e ele tinha dito: “Ô, porque que Deus não me levou e deixou meu neto, tão jovem?”. Então, quando eu cheguei do México, que eu liguei pra ele, ele disse assim: “Eu não tinha mais fé que eu ia ver você, não, será que eu ainda lhe vejo?”. A gente conversando no telefone, aí, eu disse assim: “Ô tio, num fala um coisa dessa, num sei o quê...”. Aí ele disse assim: “Eu tô deixando aqui uma herança pra você: um caderno de folhetos e a máquina de escrever, mas ela tá toda quebrada, as letras saindo fora de lugar e tudo...”. Aí, eu disse: “Ô, num tô gostando desse papo de herança, mas em termos de presente eu estou adorando, então quando essa pandemia passar, eu vou aí e a gente vai ver esses cordéis e vai – ele também não chama de cordel, chama de folheto – a gente vai publicar e num sei o quê...”. Enfim.

Então, assim, minha herança tá lá, eu ainda não pude ter contato, né? Quando passar essa pandemia eu vou atrás, mas ele sabia que de todos os parentes a pessoa mais fissurada assim no cordel e na produção dele e tudo, sou eu. Ele escreveu *A Casa que Mãe Morava*, que é um clássico, né? “Fui visitar meu sertão / Aonde morou meus pais / A saudade era demais / Pra ver aquele torrão / Atravessei o boqueirão e avistei a Canabrava / Com tanta saudade eu tava pra ver aquela casinha / Que hoje não é mais minha / A casa que mãe morava” [colaboradora recita o cordel do tio]. E aí ele vai desenvolvendo toda a história de várias passagens da vida dos meus avós nessa casa etc., etc. Tem uma hora que ele diz: “Tendo dinheiro eu comprava / A casa que meu pai fez / Pra eu morar outra vez / Na casa que mãe morava”. É lindo esse cordel, muito emocionante. E tem um muito engraçado que ele diz: “Em cada dez brasileiros / Tem oito ou nove ladrão”; que ele fez aí num dos períodos aí de campanha eleitoral, lá comprou muitas confusões, por isso o cordel não foi publicado assim em grande escala, mas era assim uma outra inspiração pra mim. Era não, segue sendo, né? [pequena pausa] Fiz o do meu primo também... Tem tanta coisa. O de Orlando é muito emocionante porque o Orlando faleceu sem ver o resultado do filme baseado no meu cordel.

O filme existe e se chama *Travesthiller*. O meu cordel é *Milagre Travesthiller*, mas o filme é *Travesthiller*.

Então, são cordéis em que eu trago majoritariamente a temática das mulheres, falando da desigualdade de gênero, trago *en passant* a questão da velhice, a questão geracional, racial, mas a classe tá muito presente porque de todas as minhas consciências a primeira foi a consciência de classe, né? Então, isso foi o que me levou a me desviar de ser alguém da área de Letras pra ser alguém do Jurídico. Foi uma coisa de dizer assim: “Ah, então eu vou fazer faculdade de Direito e eu vou me dedicar ao Direito do Trabalho porque eu não quero que aconteça com nenhuma pessoa, nenhuma mulher, o que aconteceu com minha mãe e num sei o quê”.

E de fato eu advoguei um tempo na área do Direito do Trabalho e depois eu me desencantei com essa coisa da advocacia trabalhista. Aí, eu fiz cordéis e nos atos processuais tá lá o quê que a Sammyra botou o cordel chamado *Alvará Judicial*, que é uma petição que eu faço em cordel pra que o juiz autorize que um agricultor lá de Cariri saque o resíduo do FGTS, que ele chegou de São Paulo e tava desempregado e era agricultor, foi pra São Paulo trabalhou um pouco com carteira assinada e estava desempregado e voltou. Aí, eu fiz essa petição sabendo que ela não seria indeferida porque o juiz era um poeta também: Doutor Pedro Bezerra. Não era um poeta de cordel, mas era um poeta e muito sensível. Do ponto de vista legal, ele não teria como dizer que eu tinha que escrever em prosa porque o código do processo diz que tem que ser na língua vernácula, né [risos]? A petição tem que ser em Língua Portuguesa e tem que dizer os fatos e dizer o direito. Só que não é tradição escrever em poesia e aí o pessoal escreve uma coisa com início, meio e fim, mas qualquer outro juiz poderia indeferir dizendo que não estava de acordo com a tradição jurídica blá, blá, blá, blá. Então, ele acolheu, ficou muito emocionado e abriu vistas pro promotor de justiça. O promotor tentou fazer uma gracinha despachando em uma estrofe [risos], não conseguiu rimar, mas despachou. O que vale é a intenção. E esse senhor, chamado Jesus, tá lá no folheto... E ainda era na máquina de datilografia. Se vocês olharem no *Cordelirando*, é um *scanner* da página, do processo, vão ver que ainda era no tempo da máquina de datilografia que eu peticionei. Só que eu recentemente percebi o seguinte: que aquilo para o que eu menos me esforcei na vida é algo que tem tido algum valor, entende?

Eu não fiz cordel pra me tornar famosa, eu não fiz cordel pra ganhar dinheiro porque primeiramente eu pagava do meu bolso, por isso que eu publiquei pouco na década de 90, que eu não tinha emprego. Eu vim ter um emprego em 98, emprego assim que me deu condição de me sustentar porque eu tralhava, obviamente, desde os quatorze, mas assim como comerciária, depois como pesquisadora do SINE, depois como pesquisadora do IBGE, depois eu trabalhei numa escolinha – mesmo sem eu ser formada –, eu fiz um teste e fui professora infantil. Na época eu fui professora da Educação Infantil no Colégio Balão Mágico, então não dava para eu sustentar o meu *hobby*, digamos assim, então, foi uma época em que eu produzi muito e não publiquei muito e... Teve coisa que eu produzi em 90 e só vi publicar no ano 2000. Então, por exemplo *MARIA DE ARAÚJO e seu lugar na história*, que é a beata Beatitude, ele é publicado em 2001, quando eu consegui recursos porque teve tempo que eu publiquei pelo *Cordel*, ou o projeto SESCordel, e aí é uma política; não é nem uma política pública porque o SESC que é do Sistema S, da Indústria e tal, comércio. Mas o SESC tinha uma iniciativa, um projeto de autoria de Fanka chamado *SESCodel Novos Talentos*, então, eu me submeti a esse edital chamados novos talentos lá na Região do Cariri. E eu cheguei a publicar dois ou três: o *MEU PAI* foi publicado pelo *SESCodel Novos Talentos*.

Então, às vezes, uma coisa é publicada numa década e ela foi produzida numa década anterior, mas faltava condições, não tinha uma política pública no estado do Ceará, um edital, uma coisa... um incentivo à produção. Tinha incentivo à leitura, mas o leitor e a leitora ia ler o que já estava disponível naquelas prateleiras. Aí, com esse projeto criou-se uma Cordelteca e

eu que não era só escritora de cordel, mas era também leitora, frequentava pra ler os cordéis das pessoas, participava de uns saraus, recital etc. Os lançamentos eram lindos. Porque eu sou anterior aos Mauditos, né? Então, eu publico antes dos Mauditos – que é o grupo que eu ajudei a fundar junto com Fanka e outras pessoas –, que aliás vai sair um livro agora de autoria de Cláudia Rejane sobre os Mauditos. Eu quero até confessar para vocês que deu o maior babado...

[Seguindo a tônica dos folhetins, a continuação da entrevista será publicada em outro momento, de modo a manter aguçada a curiosidade de nossas leitoras e leitores]